

DANIELA BRAGA

Resistência e turismo cultural
na Aldeia de Carapicuíba

CELACC/ECA/ USP

2011

DANIELA BRAGA

Resistência e turismo cultural
na Aldeia de Carapicuíba

Trabalho de Conclusão de Curso para a Pós-
Graduação em Mídia, Informação e Cultura,
do Celacc. Sob a orientação do Profº. Dr.:
Dennis de Oliveira

CELACC/ECA/ USP

2011

SUMÁRIO

Resumo	4
Introdução	6
Desenvolvimento	7
Capítulo 1- ALDEIA DE CARAPICUÍBA	7
1.1. O município	7
1.2. A Aldeia	7
1.2.1 A igreja	9
Capítulo 2 - FESTA DE SANTA CRUZ – RESISTÊNCIA CULTURAL	10
Capítulo 3 - RESISTÊNCIA: UMA ALIADA PARA O TURISMO	13
3.1. Turismo consciente e sustentável	17
Capítulo 4 - VISÕES OFICIAIS DE CARAPICUÍBA	17
Considerações finais	21
Referências bibliográficas	22
Anexo	23
Entrevistas	23
Foto	28

Resistência e Turismo cultural na Aldeia de Carapicuíba

Daniela Braga¹

Resumo: História, patrimônio, memória coletiva e observação da vivência na comunidade da Aldeia de Carapicuíba, na Grande São Paulo, são o mote para a elaboração do artigo científico, que tem como objetivo a pesquisa das formas simbólicas, como a tradicional Festa de Santa Cruz, e como se dá o turismo e a resistência cultural frente a processos hegemônicos advindos, primeiro da cultura eurocêntrica e, hoje, da mídia global. Conceitos sobre cultura popular, de Maria Nazareth Ferreira, e a retomada histórica da aldeia, promovida por Eduardo Escalante, serviram de base para este estudo.

Palavras-chave: aldeia, Carapicuíba, cultura popular, resistência cultural, turismo, Festa de Santa Cruz

Resumen: Historia, patrimonio, memoria colectiva y la observación de la vida en la comunidad de la Aldeia de Carapicuíba, en el Gran São Paulo, es el tema de la preparación del artículo científico, que tiene por objeto la investigación de las formas simbólicas, como la tradicional Fiesta de la Santa Cruz, y cómo es el turismo y la resistencia cultural contra el proceso hegemónico llevó, en primer lugar de la cultura eurocéntrica y los medios de comunicación global de hoy. Conceptos de la cultura popular, María Ferreira Nazaret, y la reanudación de la histórica villa, promovido por Eduardo Escalante, fueron la base para este estudio.

Palabras clave: Aldeia de Carapicuíba, aldea, cultura popular, resistencia cultural, turismo, Fiesta de la Santa Cruz

Abstract: History, heritage, collective memory and observation of living in the community of Aldeia de Carapicuíba, in Greater São Paulo, is the theme for the preparation of the scientific paper, which aims at the investigation of symbolic forms, such as the traditional Feast of Santa Cruz, and how is tourism and cultural resistance against the hegemonic process brought, first of Eurocentric culture and today's global media. Concepts of popular culture, by Maria Ferreira Nazareth, and the resumption of the historic village, promoted by Eduardo Escalante, were the basis for this study.

¹ Daniela Braga, redatora, bacharel em rádio e TV pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e pós-graduanda pela USP em mídia, informação e cultura, orientada pelo professor Dr. Dennis de Oliveira.

Keywords: Aldeia de Carapicuíba, village, popular culture, cultural resistance, tourism, the Feast of Santa Cruz

INTRODUÇÃO

Ao dedicar um olhar mais aprofundado sobre a Aldeia de Carapicuíba, localizada na região metropolitana de São Paulo, já num primeiro momento, tem-se a informação de que ela foi tombada em 1941, a configurando como patrimônio nacional, devido à remanescência de algumas construções originais e à sua história. Dentre os aspectos mais explorados, estão os registros sobre as missões jesuíticas e a intervenção dos bandeirantes, entretanto, há muito a ser prescrtado no que se refere à cultura local.

O presente artigo aborda como se dá a preservação dos aspectos culturais tradicionais populares mesmo frente a um processo hegemônico que impõe uma cultura global, baseada no mercado e nos *media*. Tal resistência é perceptível no patrimônio da cidade, aqui entendido não somente sob o viés monumental, presente nas construções do século 16, mas, sobretudo, no que tange a valorização das memórias coletivas expressas na acumulação de experiências e na construção de uma identidade, ainda que esta sofra com a exposição intermitente de uma cultura hegemônica. Sabe-se que a maciça presença da cultura global acarreta na perda dos referenciais populares, todavia, a prática de guardar imagens e relatos e a vivência cotidiana em comunidade ajudam a permanecer viva a cultura de um local como a Aldeia de Carapicuíba.

O objetivo geral deste artigo é mostrar que, se um por lado, há séculos atrás, os povos indígenas locais tiveram parte de sua cultura usurpada e diluída por meio dos processos de missões e catequeses, hoje, uma série de dificuldades, a comunidade consegue preservar não somente aspectos da cultura cristã-europeia que lhe foi imposta, mas também particularidades da cultura brasileira, como a Festa de Santa Cruz.

Manifestações culturais são ponto de partida para o desenvolvimento do turismo, porém, o mesmo acontece de modo incipiente, se levado em consideração a riqueza histórica do local. Sem recursos, o lugar sofre com o preconceito na própria comunidade que, devido à falta de incentivo, desconhece sua história. Os limites e possibilidades do turismo cultural na cidade será um dos pilares da pesquisa.

1 – ALDEIA DE CARAPICUÍBA

1.1 O município

O município de Carapicuíba integra a região metropolitana do Estado de São Paulo e está localizado em sua porção oeste. Com extensão territorial de 34,9 Km², segundo dados da Fundação SEADE, Carapicuíba é limitada ao sul por Cotia, a oeste por Osasco, a leste por Jandira e a norte por Barueri. Abriga, ainda segundo dados da SEADE, de 2009, 369.584 habitantes e tem densidade demográfica de 11.538 hab./km². Entre os bairros mais conhecidos da cidade estão Vila Dirce, Vila Lourdes, Aldeia e COHAB, cantada pelo grupo Negritude Jr. em meados dos anos 1990, em “COHAB City”,

Distante 29 km da capital paulista, Carapicuíba é considerada uma cidade “de periferia”, não apenas por sua localização, mas, principalmente, devido a características sociais. Essas variáveis estão intimamente ligadas a questões políticas e de infraestrutura às quais este texto não vai se aprofundar. Basta constatar que a população local enfrenta problemas comuns, como falta de saneamento básico em algumas áreas, limpeza urbana, saúde, violência, tráfico de drogas.

Milhares de moradores deixam a cidade diariamente para trabalhar na capital ou em outros municípios, fazendo com que Carapicuíba se torne uma cidade-dormitório, até mesmo no que se refere ao lazer e às atividades culturais, visto que o local não abriga cinemas e possui pouquíssimas opções de museus, teatros e centros culturais e até mesmo de restaurantes. Nesse sentido, pode-se destacar a Aldeia de Carapicuíba que, ainda sem entrar no mérito qualitativo das atrações ali reunidas, oferece museu, teatro de arena e parque, dentre outras atividades que a tornam um espaço para troca de experiência entre a comunidade e ainda possibilita o turismo.

1.2 - A Aldeia

A Aldeia de Carapicuíba surgiu no século XVI, assim como outras do mesmo gênero no Estado de São Paulo, a partir da iniciativa de padres jesuítas que tinham o objetivo de reunir índios Guaianases que, sob sua tutela, deixariam de ser dispersos e trabalhariam na terra, gerando divisas para os colonizadores, e, sobretudo, seriam convertidos ao catolicismo, para “salvarem suas almas”. Para alcançar seus intentos, uma organização foi sendo montada em torno de um espaço reduzido, que contava com uma capela, um cruzeiro no centro do terreno e casas mais baixas em seu entorno (vide imagem

abaixo), onde se rezavam missas e se transmitiam as convicções europeias, em detrimento da cultura local, considerada inferior e até absurda pelos colonizadores.

Figura 1 - Ilustração da Aldeia de Carapicuíba



Ilustração Luiz Saia, 1936 / Divulgação

Com o mesmo objetivo, sabe-se que outros aldeamentos foram erguidos no Planalto paulista, como o de Embu, o de Itapequerica da Serra e o de Santana do Parnaíba, entre outros, completando doze comunidades desse tipo, entretanto, somente Carapicuíba conserva sua localização e as características seiscentistas das disposições das construções. Apesar de ter passado por restaurações para conservação de seu patrimônio, em uma das casas há uma parede feita com a técnica da taipa de pilão² por volta dos anos 1580. (vide fotografia no anexo). No entanto, em 1736, respeitando o traçado original, uma nova igreja foi erguida e, em 1769, as casas foram reconstruídas pelos indígenas por ordem do “Diretor da Aldêa de Carapicuyba”, Pedro José Francisco de Andrade. Depois disso, outras obras foram detectadas no local, no fim dos anos 1960, por exemplo, o pesquisador e autor Eduardo A. Escalante, observou que o lugar já apresentava “alguns paradoxos: o bar da esquina mostra nitidamente duas paredes de tijolo” (ESCALANTE, 1974: p.16). Tombada pelo IPHAN em 1940, atualmente essas edificações evidentemente são reforçadas, contudo, vê-se que a estrutura visual continua exatamente a mesma de séculos atrás, salvo a pintura externa das casas, que adotaram as cores azul claro e branco, no século XX:

² Taipa de pilão é uma técnica trazida ao Brasil pelos portugueses, sendo largamente utilizada durante o Período colonial. Consiste em erguer uma parede com tábuas (taipas) e colocar dentro uma mistura úmida de terra, areia ou argila, fibras vegetais, sangue de gado, crinas de animais e estrume de gado. Soca-se com os pés ou pilão até obter uma compactação bem firme –definição extraída do folheto demonstrativo do Circuito Taypa de Pilão, da empresa Graffit

Figura 2 – Aldeia de Carapicuíba (vista de cima)



Foto

Divulgação/Profissionais do Turismo

1.2.1 – A Igreja

Situada em uma porção de destaque na pequena aldeia, a igreja de São João Batista é mais alta do que as demais casas do local, porém, não é grande. Diminuta, tem no altar a imagem de santa Catarina, no fundo e ao alto, os sinos e, no centro, alguns bancos de madeira para acomodar os fiéis (ver fotografia da igreja no anexo). É desta capela, fundada em 1736 pelo padre Belchior de Pontes, que saem procissões e as principais celebrações populares da Aldeia de Carapicuíba, principalmente a Festa de Santa Cruz e a Festa da Santa Cruzinha, além das comemorações da Paixão de Cristo e de Corpus Christi, que entram para o calendário turístico, religioso e cultural da cidade.

2– FESTA DE SANTA CRUZ – RESISTÊNCIA CULTURAL

Oriunda do século XVII, a Festa de Santa Cruz resiste até os dias de hoje como uma das principais manifestações culturais da tradição paulista, visto que carrega consigo características peculiares do folclore brasileiro, que foram tecidas pela hibridização de ritos indígenas com preceitos do catolicismo, resultando em uma manifestação ressemantizada e reinventada desde sua criação em terras brasileiras. Para melhor situar a origem, é preciso retomar uma festa romana chamada Invenção da Santa Cruz.

“...Festa de segunda classe, celebrada a três de maio, em comemoração do descobrimento da Santa Cruz por Santa Helena, mãe de Constantino. Segundo a lenda, deu-se este fato no dia 13 de setembro de 320 e no dia 14 era celebrada a festa em Roma, no VII século, como título, porém, de Exaltação da Santa Cruz.

Nas Gallias, entretanto, fazia-se a mesma festa com o título Invenção de Santa Cruz, no dia 13 de maio, e quando, no VIII século, foi adaptada, segundo o uso romano, a festa da Exaltação, deu-se-lhe outra interpretação, celebrando a recuperação e restituição da Santa Cruz por Heráclio. Vê-se que a festa remonta aos primórdios do cristianismo, conservando as duas datas até os dias presentes. (ESCALANTE, 1974: p.37)

Como se sabe, uma das intenções dos jesuítas era catequizar os indígenas e levá-los a crer nos ensinamentos católicos, cujo maior símbolo é a cruz, que significa para eles sacrifício e remissão. No entanto, não obstante o processo forçado da dominação hegemônica promovida pelos colonizadores, a cultura indígena manteve-se resistente em alguns aspectos, os quais foram incorporados pelos jesuítas na elaboração da Festa de Santa Cruz em Carapicuíba. Em vez de uma festa ecumênica, ornada apenas por santos e orações, há uma conjunção de culturas com danças, cânticos, barraquinhas com comida, artesanato e procissão.

Exemplo do caráter negociador da festa está a substituição do fogo, usado pelos índios em suas danças, pela Santa Cruz, não que ele tenha sido preterido, uma vez que sua presença é constante nas velas e ao pé da cruz no momento de saudação e despedida das danças, mas seu valor simbólico de ocupar o centro das atenções foi delegado ao cruzeiro principal, que fica no centro do terreiro, e às cruzes, que, ornadas com enfeites, são colocadas em frente às casas, respeitando a tradição.

Para começar, a festa segue um ritual preciso que se inicia com o levantamento do mastro, para dar partida aos festejos. Neste momento, segundo contam os habitantes, o participante pode fazer um pedido à Santa Cruz, a fim de que esse pedido se torne realidade.

Em seguida, vem a dança - ou “sarabaquê” – que, acompanhada da música, é tida como uma das principais partes da festa. A melodia, executada por homens, como registrado em tribos indígenas, é necessariamente obtida por instrumentos pré-determinados, sendo eles, duas violas (mestre e contramestre), reques, adulfos (pandeiros) e vozes. A dança coreografada e cantada, por sua vez, se divide em três partes:

- a) Saudação: sem improvisação, pois é considerada sagrada, é realizada primeiro em frente ao cruzeiro principal e depois à frente de cada uma das cruzes menores das casas, em sentido anti-horário
- b) Roda: cheia de improvisações nos versos, e sem hora para acabar, é considerada a parte profana da celebração

c) Despedida: a mesma canção religiosa utilizada na saudação é resgatada e, novamente, as cruzeiros são saudadas, estendendo a festa até o sol raiar

Dentro dos festejos, ainda há espaço para a missa cantada, para a tradicional e profana dança final “zagaia”, a qual é atribuída aos indígenas, devido seu compasso que lembra muito o bailado de índios guerreiros, e para a procissão. Hoje, o calendário ainda conta com shows gratuitos com artistas caipiras, em um palco montado no terreiro da aldeia.

Comprovando a atribuição resistente que se dá à festa, está a numerosa família Camargo, responsável desde o século XIX pela preservação e consolidação “dos hábitos, das músicas, da dança, dos laços fraternos, que apesar das imposições do século XX, anda não se dissolveram” (ESCALANTE, 1974: p.31). Ainda hoje, membros dessa família, junto aos também tradicionais Pereira Leite comandam os festeiros.

Debruçando à leitura de *Festa de Santa Cruz da Aldeia de Carapicuíba*, de Eduardo A. Escalante, e comparando com os dias atuais, percebe-se que alguns aparatos da festa foram deixados de lado, a começar pela ampla divulgação, que se antes contava com proclamas tradicionais e impressos para convidar e comunicar as pessoas com antecedência, além de flâmulas ofertadas pelos festeiros, hoje se encerra em uma divulgação local, não atraindo o mesmo contingente de turistas e até mesmo de residentes, como outrora. Segundo a coordenadora da Casa de Cultura da cidade, Alaíde Di Pietro Barbosa, em entrevista concedida a autora em agosto de 2011, o fato se dá pela “falta de estrutura e investimento na cultura da cidade”, à revelia das mais diversas fontes para divulgação, como a internet, por exemplo.

Mesmo com tais problemas, a festa mostra sua força cultural por meio da capacidade de resistir há mais de 300 anos, perpetuando ao longo da história valores, experiências e crenças de um povo. Uma festa como a descrita acima não se encerra apenas em atos cerimoniais, consegue transpor a identidade de determinado povo, construída através de uma organização coletiva e popular, que ao longo do tempo é ressignificada, incorporando novas características e atrações regionais.

A festa junta a comunidade e visitantes para, de modo lúdico, promover todo ano um retorno às suas origens, repetindo rituais tradicionais e reinterpretando outros.

Fazer festa significa colocar-se diante do espelho, procurando a si mesmo e à sua identidade; é buscar reencontrar as garantias histórico-culturais,

reconfirmando-as na força da representação, no ato comunicativo e comunitário. Esta ação de resgatar a própria identidade é fundamental para encontrar-se a si mesmo e recuperar um equilíbrio que pode estar ameaçado. Esse resgate, entretanto, é um ato conflitivo, porque significa incorporar novos valores àqueles tradicionais. (FERREIRA, 2005: p. 74)

O ato festivo ao mesmo tempo em que reafirma e reproduz seu passado, abre espaço para o novo (novos públicos, novas atrações, novas práticas etc.). A dialética tradição/ inovação, a qual trabalha Maria Nazareth Ferreira³, revela como os participantes buscam o presente no passado, mostra também o dinamismo e a vivacidade das festas populares, além da dualidade cotidiano/tempo festivo, que se coloca tanto para os organizadores e participantes ativos da festa quanto para o turista, que deixa sua rotina para dedicar tempo à fruição.

Figura 3 – Dança de Santa Cruz



Foto Divulgação / Granja News

3. RESISTÊNCIA: UMA ALIADA PARA O TURISMO

A resistência cultural a qual o artigo se refere encontra na Festa de Santa Cruz seu principal exemplo, por essa festividade se enquadrar em um conceito desenvolvido por Maria Nazareth Ferreira, que aborda a capacidade das festas populares em “transportar ao longo da história as experiências culturais dos povos”, além das “possibilidades da festa na revelação da ‘verdadeira face de um povo, moldada através da cultura’” (FERREIRA,

³ FERREIRA, Maria Nazareth. Identidade cultural e turismo emancipador, 2005

2005: p. 81). Sendo assim, o que se vê no ato festivo são os costumes passados de geração para geração e resistindo principalmente através da oralidade.

Cada elemento constitutivo da festa é carregado de simbologia e faz com que o modelo de cultura hegemônico disseminado globalmente não consiga deteriorar ou extinguir a essência desta festa popular, abrigada em plena região metropolitana de São Paulo. Os acessórios e trajes usados pelos dançarinos retomam uma estética ruralista, com cintos, botas e chapéus característicos, tudo isso mesclado a uma herança indígena, evidenciada em alguns gestos e componentes artísticos, e também à origem cristã-europeia.

É por meio desse movimento antropofágico⁴ que aglutinou elementos de diferentes culturas para se erguer, que a Festa de Santa Cruz ainda consegue atrair a atenção do turismo para a cidade de Carapicuíba, ainda que o mesmo esteja incipiente.

Aliadas à força que a referida festa tem enquanto patrimônio cultural, estão as construções tombadas pelo IPHAN, que por sua vez constituem o patrimônio material da cidade, chamando a atenção de estudiosos e interessados na história do Estado de São Paulo. Atualmente, segundo a coordenadora de Cultura da Carapicuíba, Alaíde Barbosa, este é o perfil da maioria dos turistas que visita a aldeia; “é um turista curioso”, define Alaíde, que também enaltece o papel do turismo religioso. Este último consegue atrair grande público para os padrões da cidade, a encenação da Paixão de Cristo, em 2011, levou ao teatro de arena, localizado ao lado do centro da aldeia, de 20 a 30 mil pessoas, segundo a organização do evento.

Além da motivação gerada pelo estudo da história local, a religião é, portanto, a base do turismo da aldeia, visto que são com celebrações cristãs tais como Páscoa, Corpus Christi –quando pessoas da comunidade ‘tecem’ tradicionais tapetes de serragem— e com as festas de Santa Cruz e Santa Cruzinha, que a aldeia recebe público, segundo a Casa de Cultura da cidade. Carapicuíba, ainda que não receba um número significativo de turistas,

⁴ Antropofagia foi um manifesto cunhado pelo modernista Oswald de Andrade em 1928, que consistia na reelaboração do “conceito eurocêntrico e negativo de antropofagia como metáfora de um processo crítico de formação da cultura brasileira”. Trata-se da assimilação crítica das idéias e modelos europeus, da deglutição das formas importadas para produzir algo genuinamente nacional (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, “Antropologia”, atualizado em 25/5/2010 http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&id_verbete=74. Acesso em 27/10/2011

faz parte de uma estatística comum a todo o resto do país, pois conforme publicado na coluna Mônica Bergamo, na Folha de S.Paulo, em 14 de outubro de 2011, segundo um estudo realizado pelo Ministério do Turismo, as festas religiosas movimentaram 6,6 milhões de brasileiros em 2010. Essas pessoas dormiram pelo menos uma noite nas cidades visitadas e representam 3,6% das viagens domésticas registradas no ano passado, além disso, outros 250 mil fiéis vieram de outros países para celebrações, isto é, 0,5% dos turistas estrangeiros no período.

Fora as atrações religiosas, a aldeia promove outros dois eventos, com intuito turístico: o aniversário da cidade e o projeto Música na Aldeia, realizado um sábado por mês, cujo intuito é levar ao palco ritmos brasileiros tocados por artistas brasileiros, contudo, ambos não atraem um número considerável de turistas.

Sabendo que interessa à comunidade promover o turismo e quais são os principais eventos promovidos na aldeia com o intuito de atraí-lo, cabe discutir que tipo de turismo é esse, de que maneira ele é realizado e quais caminhos são tomados para alcançar esse alvo. Num primeiro momento, um questionamento surge: a Festa de Santa Cruz, por ser uma manifestação cultural popular tradicional, também tem o objetivo de atrair a indústria do turismo, que nasceu no bojo da modernidade? A análise aponta que sim, uma vez que “no caso das festas, é necessário não perder de vista um de seus objetivos principais, de implementar o turismo em suas localidades, o que, por si só, é um elemento positivo do ponto de vista da comunidade” (FERREIRA, 2005: p. 75).

É notório que o turismo é dentro do neoliberalismo uma necessidade para geração de divisas, mas também é um mecanismo que, bem empregado, favorece efetivamente o intercâmbio cultural. Os aspectos positivos que o turismo proporciona para uma comunidade como a Aldeia de Carapicuíba vão além da receita obtida com o consumo dos turistas –principalmente porque a cidade não cobra a entrada do visitante para que ele participe dos eventos e também não comercializa ‘lembrancinhas’, como souvenirs e outros artifícios, apenas permite a venda de algumas peças de artesanato feitas por artistas plásticos locais, como Rubens Domingos, Toninho e Dario, escultores cujas obras não estão diretamente ligadas à história da aldeia, além de autorizar barraquinhas de comida. À parte dos dividendos, a contribuição do turismo reside também no compartilhamento de componentes culturais que têm o poder de aflorar “identidades coletivas” e estabelecer um complexo processo comunicacional entre comunidade e turista através de músicas, danças, imagens, oralidade e crenças.

A procura por lazer e descanso fora dos grandes centros urbanos faz com que cidades próximas às capitais recebam determinado contingente de turistas, prova disso é a superlotação do litoral paulista nos feriados e até mesmo de algumas cidades do interior paulista. Carapicuíba, por sua vez, não oferece belezas naturais ou estâncias aquáticas, todavia, a exemplo de cidades do Vale do Paraíba –ou Vale Histórico--, no interior paulista, possui vasta experiência em cultura popular e pode fazer de suas atividades, de seu patrimônio material e de suas festas uma bandeira para atrair o turismo para região, como fez o município de Embu das Artes (Grande São Paulo), que apostou no artesanato para alavancar o turismo urbano.

Em termos de infraestrutura, a Aldeia de Carapicuíba ainda tem muito o que investir para alcançar o nível de hospitalidade apresentado por cidades que se propuseram a desempenhar diferentes atividades de caráter cultural, religioso e comercial, para fazer renascer sua identidade. Hoje, a identidade da aldeia está presente em suas paredes de taipa de pilão (ver foto no anexo) e na sincrética Festa de Santa Cruz. Elas resistem firmes mesmo diante da atual conjuntura, em que uma hegemonia global e a falta de vontade política competem para ver o que mais descaracteriza a cultura subalterna. A cultura subalterna é entendida aqui segundo preceitos gramscianos, que consideram como “subalterno” aquilo que pertence às classes oprimidas, sob o ponto de vista cultural, em relação às classes hegemônicas, isto é, dominantes.

A inserção da cultura subalterna no crescente mercado turístico só é possível caso ocorra de maneira sustentável, de modo que cidadania e turismo estejam aliados para dar novo sentido às práticas culturais realizadas na Aldeia de Carapicuíba.

Hoje, uma empresa de turismo, a Graffit, sediada na capital paulista, promove o Circuito Taypa de Pilão, em que a pessoa interessada paga um pacote, que custa em média R\$ 120, e visita cidades que utilizaram tal método de arquitetura em suas construções. A empresa, entretanto, não repassa receita para a Secretaria de Cultura, tendo por objetivo, então, o consumo baseado no modelo do guia de turismo.

3.1. Turismo consciente e sustentável

Uma vez que Carapicuíba é uma cidade sem recursos, promover um turismo cultural que preserve identidades e cidadania é fundamental para a sobrevivência da cultura popular. Para tanto, é necessário deixar de lado interesses individuais e pensar a longo prazo e coletivamente, isto é, cabe às lideranças a percepção de que a comunidade é a

protagonista daquela cultura e, conseqüentemente, é ela quem deve assumir de fato a organização e preservação dos eventos populares.

A Festa de Santa Cruz, por exemplo, é um modelo de evento cuja realização está, em sua maior parte, nas mãos da comunidade, sob a organização principalmente das tradicionais famílias Camargo e Pereira Leite. A questão é: a festa acontece genuína e rigorosamente todos os anos, independente do número de pessoas de fora que participem, entretanto, seu papel enquanto movimento cultural teria um êxito ainda maior com a presença de turistas, novos atores sociais que poderiam vir a transformar o seu olhar e até a maneira de viver após a experiência proporcionada pelo contato com a diversidade da cultura popular.

Esse tipo de turismo cultural, sobretudo para o homem urbano, acaba se sustentando por uma relação de troca, percepção e reflexão sobre o outro, deixando de ser apenas uma forma de escapismo do cotidiano frenético para se tornar um questionamento de sua própria realidade. Já quem é da comunidade, também pode ser estimulado a mostrar seu potencial e também agregar o que vem de fora, evidenciando o caráter vivo da cultura.

4. VISÕES OFICIAIS DE CARAPICUÍBA

A autora do presente artigo já conhecia a Aldeia de Carapicuíba antes de propor-se a investigar sua representação cultural, todavia, para o trabalho de campo foram realizadas algumas visitas ao local, para fazer entrevistas⁵ e para conhecer a Festa de Santa Cruzinha, que, como já fora mencionado anteriormente, é uma das mais tradicionais da cultura popular da região. Na ocasião, em 11 de setembro de 2011, foram vistos pouquíssimos ou nenhum turista prestigiando a celebração que havia começado no dia anterior. Pessoas que circulavam na região disseram que “há um tempo” o lugar não recebia mais turistas de fora e que o pessoal da região não prestigia muito: “o pessoal vai mais para a missa, mas nem acompanha a procissão” [que encerra a festa], diz um morador da cidade. De fato, como mostra a fotografia abaixo, poucas pessoas estavam presentes no momento em que uma dupla de música caipira se apresentava no palco.

⁵ A íntegra das entrevistas estão disponíveis no anexo do artigo

Figura 4 – Show caipira na Festa de Santa Cruzinha



Foto Daniela Braga/ 11.set.2011

Antes de iniciar as percepções a respeito do que fora visto e coletado, é necessário fazer alguns apontamentos. Carapicuíba é um município com pouco ou quase nenhum recurso financeiro destinado à cultura, como fora confirmado em entrevistas com o então secretário da Cultura e Turismo da cidade, Luiz Carlos M. Peixoto, e com a coordenadora da Casa de Cultura, Alaíde Di Pietro Barbosa. Segundo Alaíde, não há uma receita que atenda às demandas da cultura; “é uma receita muito pontual, obtida com os eventos, mas ela vai para a cidade, não vem para cá”, o que é salientado pelo secretário, quando afirma que o que ele consegue para a aldeia é por meio de permuta. Foi assim que disse ter obtido novos computadores para as crianças da comunidade, através da cessão do local para servir de cenário para a gravação de comerciais e de videoclipes.

Notou-se na entrevista com o secretário, que ocupa o cargo há pouco mais de dois anos, um certo desconhecimento sobre o potencial que festas populares como as que são abrigadas na aldeia tem em relação ao desenvolvimento do turismo. Em determinado momento da entrevista, o secretário confessou, pedindo antes que não fosse anotado o que ele falaria, que não sabia “o que era Carapicuíba” antes de ser convidado para a pasta. Em outra passagem, ao ser questionado sobre parcerias com a iniciativa privada, para incrementar a cultura na aldeia, ele afirmou que já buscou, mas “não fica mais correndo atrás, espera que eles [empresários] venham até ele oferecendo parcerias”. Como exemplo, citou aulas de pintura através das quais pretende atrair “mulheres endinheiradas do bairro da Granja Viana e, assim, chamar a atenção de seus maridos para investir”.

Com mais conhecimento e consciência histórica, a coordenadora Alaíde Barbosa exalta a diversidade e a importância da Festa de Santa Cruz, mas deposita na falta de verba a principal razão para que o turismo seja tão incipiente no local:

Não temos orçamento para fazer melhorias, e aqui é um lugar que sofre com a falta de estrutura, por exemplo, não tem um banheiro se a pessoa quiser usar [há banheiro público no parque, ao lado do centro da aldeia], não tem uma boa lanchonete, um restaurante, um hotel, enfim, infraestrutura e divulgação em geral. Fora que hoje a aldeia é uma ilha, porque, para preservá-la, foi preciso desalojar algumas casas ao redor e tirar o trânsito que passava por aqui, então, cada vez menos pessoas passam aqui por dentro, só quem vem realmente para conhecer (BARBOSA, em entrevista dada a autora em agosto de 2011).

Alaíde reconhece que a cultura tradicional como a da aldeia é permanente, não é passageira, então tem força para atrair turistas. No que se refere a maneiras para atraí-lo, acredita que a intervenção da mídia seria positiva: “desde que não interfira como os jesuítas já fizeram antigamente. Só parceria. A divulgação na grande mídia é sempre positiva, mas falta um apoio, ela deixa a desejar”, reitera.

Falta a compreensão de que primeiramente é necessário que a comunidade se empodere dos meios de realização e, depois, de divulgação dos eventos culturais, só assim, uma eventual intervenção dos *media* teria apenas aspectos positivos no quesito divulgação, pois, invariavelmente, sua única motivação é atingir um número maior de pessoas.

Além do secretário e da coordenadora, a autora entrevistou também a guia de turismo e professora de desenho da Secretaria de Cultura, Ynaja de Sá, idealizadora do site Profissionais do Turismo, em que mantém material sobre a Aldeia de Carapicuíba. É dela uma consideração importante sobre a visão que a própria comunidade tem de si mesma. Além de criticar a falta de incentivo financeiro, fala acerca da “falta de paixão e de conhecimento” que percebe ao trabalhar com crianças da região. Ela diz que acha necessário aumentar a autoestima das crianças em relação à aldeia, já que há muito preconceito entre elas, que não querem ser associadas a uma aldeia de índios, “uma coisa que consideram atrasada, fora de moda”. Segundo ela, as crianças costumam esconder onde moram e onde estudam.

Sendo assim, é possível inferir que os problemas relacionados ao crescimento do turismo local não são apenas de ordem pontual, mas sim, estrutural, visto que principalmente a população mais jovem desconhece a história e as manifestações culturais da região. A oralidade, característica intrínseca das culturas populares, necessita ser mantida. Programas de ordem educacional para as crianças também seriam bem-vindos. É

preciso reconhecer o público a quem atingir, uma vez que o turista que por ventura vai à aldeia é um olhar estrangeiro que procura usufruir de um tipo de lazer proporcionado pela fruição e pela imersão em uma cultura da qual não está acostumado no cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Admitindo que a aldeia pertence a uma cidade carente da periferia da região metropolitana de São Paulo e que investimento público para a promoção do turismo local não é uma realidade, acredita-se que o turismo cultural pode ser fomentado a partir da relação entre a comunidade, o turista e a cultura popular. As medidas tomadas pelo poder público local, no entanto, não depositam credibilidade no empoderamento da comunidade, mesmo com a evidência de que quando o protagonismo se encontra nas mãos dela, é possível perpetuar tradições, como é o caso da Festa de Santa Cruz.

O fato é que o turismo é um fenômeno contemporâneo que não para de crescer, logo, é importante incentivá-lo de maneira sustentável, entendendo-o não somente sob o viés econômico, mas, sobretudo, sob uma visão sociocultural. É possível obter divisas priorizando as relações sociais e a preservação do patrimônio material e cultural da região. Com tais incentivos, acredita-se que a consequência seria a captação de cada vez mais turistas interessados na rica troca de experiências culturais.

Permitir o acesso e dar real importância à autonomia da comunidade, deixando que ela exponha suas potencialidades e interaja com a gestão municipal, é primordial para que a mesma recupere e afirme de fato sua identidade frente aos processos conflitivos gerados por uma hegemonia transnacional que teima em se sobrepor ante a cultura popular com seus consensos universais. Nessa luta entre blocos de poder e blocos populares, evidenciam-se o desconhecimento dos gestores e a ignorância por parte das mídias tradicionais perante à cultura popular tradicional.

É evidente que as tradições se deslocam, como aconteceu com a Festa de Santa Cruz, que passou a incorporar novas formas simbólicas, todavia, ainda que a tradição seja negociadora, ela não se apaga. Isso se deve, principalmente, ao poder de perpetuação do popular através das intermediação das comunidades. Um modo de propagar essa resistente identidade é através de um turismo cultural emancipador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESCALANTE, Eduardo. *A Festa de Santa Cruz de Carapicuíba no Estado de São Paulo*. Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1974.

FERREIRA, Maria Nazareth (Org.). *Identidade cultural e turismo emancipador*. Celacc, 2005.

_____. Alternativas metodológicas para a produção científica. CELACC, 2006.

Sites

CARAPICUÍBA – *História*. Disponível em: <http://www.carapicuiiba.com.br/>. Acesso em ago. e set. 2011

CARAPICUÍBA - *Secretaria de Cultura e Turismo*. Disponível em: <http://www.carapicuiiba.sp.gov.br/>. Acesso em ago. e set. 2011

CULTURA SUBALTERNA – *Cultura Subalterna – Jornalismo e Linguagem*. Disponível em: http://www.jorwiki.usp.br/gdmat07/index.php/Cultura_subalterna. Acesso em 25.01.2012.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL – *Antropofagia*. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=74. Acesso em: 27.10. 2011

GRAFFIT – *Circuito Tappa de Pilão*. Disponível em: <http://www.graffit.com.br/administrator/images/folderes/taipadepilaogeral.jpg>. Acesso em: 04. out. 2011

GUIA CARAPICUÍBA - *Aldeia de Carapicuíba*. Disponível em: <http://www.guiacarapicuiiba.com/content/view/190/183/>. Acesso em ago. 2011

IBGE Cidades@ - *Carapicuíba- SP / Dados básicos*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=351060#>. Acesso em ago. 2011

OCA – Associação da Aldeia de Carapicuíba. Disponível em: <http://www.granjaviana.com.br/oca/index.swf>. Acesso em ago. 2011

ANEXOS

ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1 - **Alaíde Di Pietro Barbosa** - Coordenadora de Cultura e da Casa de Cultura de Carapicuíba

Entrevista concedida em agosto de 2011

Quais são os principais eventos culturais e turísticos da Aldeia?

A Festa de Santa Cruz é o mais tradicional, mas tem também a Paixão de Cristo, o Corpus Christi e a Festa de Santa Cruzinha. Mais recentemente, foi criado o projeto Música na Aldeia, que traz ritmos brasileiros um sábado por mês.

Há um levantamento de quantas pessoas passam por aqui durante uma festividade?

Na Paixão de Cristo deste ano, a estimativa da Polícia Militar foi de 40 mil pessoas, mas nós achamos que passaram por aqui por volta de 25 a 30 mil pessoas. Já na Festa de Santa Cruz, em maio, por volta de 1.000 por dia, depende muito, antes vinham mais turistas.

A população de Carapicuíba é frequentadora da Aldeia ou a maioria dos visitantes é de outros lugares? Quem são essas pessoas?

Vem mais gente de fora, e, na maioria, estudantes.

Como esse turista costuma se comportar?

É um turista curioso, interessado. O forte do turismo aqui é o religioso., daí tem o intercâmbio com o índio e o colono.

Como é a participação da comunidade no que se refere à cultura e ao turismo?

A comunidade participa aproveitando a Aldeia como um momento de lazer, principalmente para conferir algum show.

Existe alguma agência de turismo que atue aqui?

Tem a Graffit, que organiza e faz o pacote do projeto Taypa de Pilão[ela entrega um folheto da empresa] A aldeia faz parte do projeto, assim como outros lugares, como Santana de Parnaíba, Embu, São Roque, aí você pode ver melhor no folheto.

Como pretendem atrair mais turistas?

A Secretaria busca parcerias com empresas, como o Helipark [maior heliporto da América Latina, localizado a poucos metros do centro da aldeia] e na Granja Viana [bairro nobre situado na divisa entre Carapicuíba e Cotia], mas o pessoal não tem interesse em investir aqui, há um certo desânimo porque não veem retorno financeiro.

Quais as principais dificuldades que encontram para preservar tudo?

Tem vários fatores, tem a falta de verba, tem o vandalismo...

Notei que uma oca, que havia ali fora em 2008 não está mais ali, o que houve?

A Aldeia teve três ocas verdadeiras, construídas por índios xavantes de Itanhaém, uma pegou fogo em 2001 e as outras , construídas em 2004, foram queimadas em 2008. Uma pena.

A Aldeia de Carapicuíba mantém contato com esses ou com outros povos indígenas?

Não, esse foi o último contato, não há mais relações, nem nada específico

Nas escolas da cidade há alguma programação voltada à cultura indígena?

Não, não há nada específico, não temos um acervo voltado à essa cultura, só algumas obras, como pinturas, alguns objetos feitos por pessoas e artistas daqui mesmo.

E para atrair o turismo? Quais são as dificuldades?

Não temos orçamento para fazer melhorias, e aqui é um lugar que sofre com a falta de estrutura, por exemplo, não tem um banheiro se a pessoa quiser usar [há banheiro público no parque, ao lado do centro da aldeia], não tem uma boa lanchonete, um restaurante, um hotel, enfim, infraestrutura e divulgação em geral. Fora que hoje a aldeia é uma ilha, porque, para preservá-la, foi preciso desalojar algumas casas ao redor e tirar o trânsito que passava por aqui, então, cada vez menos pessoas passam aqui por dentro, só quem vem realmente para conhecer.

Havia um restaurante chileno aqui na Aldeia muito elogiado. O que aconteceu?

Era o Peña do Fernando. Fecharam, são vários os motivos, não tinha mais tantos clientes como antes e tiveram outros problemas também

A receita obtida com o turismo é aplicada de que forma?

Na verdade não tem receita. É uma receita muito pontual, obtida com os eventos, mas ela vai para a cidade, não vem para cá.

A associação OCA atua de que maneira na Aldeia?

É uma ONG que trabalha a cultura brasileira, principalmente a nordestina, como maracatu, coco, artesanato... Trabalham com as crianças da comunidade, com oficinas e outras atividades. Tem programação para adulto também. Eles não tem um vínculo com a gente, a prefeitura só cede o espaço.

É difícil lidar com preservação da tradição e com a modernidade, as coisas que vêm da mídia, por exemplo?

A cultura tradicional como a daqui é permanente, não é passageira, então permanece. Já a intervenção da mídia seria positiva desde que não interfira como os jesuítas já fizeram antigamente. Só parceira. A divulgação na grande mídia é sempre positiva, mas falta um apoio, ela deixa a desejar.

O que é mais gratificante em fazer parte da liderança cultural da aldeia?

A aldeia é um museu a céu aberto, uma viagem no tempo, você consegue esquecer a periferia caótica ao redor, aqui aparece o interior, só falta estrutura. O mais gratificante é receber as pessoas interessadas, seja mídia, seja estudantes, é recepcionar e mostrar toda a memória que a aldeia guarda. Aqui nós temos uma flora e uma fauna riquíssima, pode não parecer, mas temos, principalmente na primavera.

ENTREVISTA 2 - Ynaja de Sá

Entrevista concedida em agosto de 2011

Guia de Turismo e professora de desenho da Secretaria de Turismo e Cultura de Carapicuíba

Ynaja de Sá é idealizadora do blog Profissionais do Turismo, que abriga uma seção dedicada à Aldeia de Carapicuíba, com dados sobre a história e os pontos turísticos, além de fotografias e ilustrações. Ela dá aula de desenho em oficinas dedicadas a crianças do ensino fundamental.

Questionada sobre como funciona o turismo na Aldeia de Carapicuíba, Ynajú não foca apenas os problemas de ordem pontual, mas sim, estrutural. A guia aponta um déficit na educação. “Falta aos professores ensinarem aos alunos da cidade mais sobre a história da aldeia. Os alunos desconhecem essa história”

Ynajú critica a falta de incentivo financeiro, mas também a “falta de paixão, de conhecimento” que percebe ao trabalhar com crianças. “É preciso aumentar a autoestima das crianças em relação à aldeia. Há muito preconceito entre elas, que não querem ser associadas a uma aldeia de índios, uma coisa que consideram atrasada, fora de moda, elas costumam esconder onde moram, onde estudam...”

ENTREVISTA 3 – **Luiz Carlos M. Peixoto** - Secretário de Cultura de Carapicuíba

Entrevista concedida em 11.set.2011

Em visita à Aldeia de Carapicuíba, em 11 de setembro de 2011, em razão da Festa de Santa Cruzinha, houve um encontro com o secretário Luiz Carlos M. Peixoto, que acompanhava um show de música caipira no centro da aldeia. Dadas as apresentações, o secretário apresentou alguns pontos importantes da aldeia e foi sabatinado com algumas perguntas sobre o local.

Peixoto ocupa o cargo na secretaria há dois anos e meio, convidado pelo amigo e vice-prefeito da cidade, Salim Reis (DEM). Em meio de uma longa conversa sobre política e sobre sua possível filiação ao novo PSD, o secretário confessou, pedindo antes que não fosse anotado o que ele falaria, que ele sequer sabia “o que era Carapicuíba” antes de ser convidado para a pasta.

Questionado sobre sua maior contribuição para a cultura da cidade, o secretário apontou suas intenções: “Eu trabalho para que a aldeia não perca o seu significado, mantendo sua tradição e conservando sua origem. Hoje nós mantemos 181 oficinas para a comunidade”.

Sobre parcerias com a iniciativa privada, para incrementar a cultura na aldeia, o secretário diz que já buscou, mas “não fica correndo atrás mais, espera que eles venham até ele oferecendo parcerias”. Como exemplo, citou aulas de pintura dadas pela artista plástica Gabriel La Ribeiro, em que pretende atrair as mulheres endinheiradas do bairro da Granja Viana e assim, chamar a atenção de seus maridos empresários para investir e também para conseguir candidaturas locais para o PSD.

Em meio a conversa, o locutor Elias Romão, da rádio Terra, que apresentava os shows na festa, entra na sala da secretaria desculpando-se: “Secretário, desculpa, anunciei no microfone a chegada do Marcos Neves (deputado estadual – PSC), mas é que pediram” Ao que o secretário responde: “Pode anunciar, mas só uma vez, o Salim que você deve repetir, dá bastante ênfase”. E completando: “Marcos Neves é da oposição por pouco tempo”.

Após a interrupção, o secretário apontou também as principais características da cidade, como o adensamento, a força do comércio, já que Carapicuíba não abriga indústrias, e o pior orçamento per capita do Estado. Mesmo assim, o secretário acredita que com essa administração --do prefeito Sérgio Ribeiro (PT)-- a cidade tem melhorado.

Entre as propostas, contou “em off” que pretende reformar uma das casas tombadas para usá-la como moradia própria e, na frente, daqui a um tempo, montar um bistrô. Acredita que isso vai ajudar a atrair turistas para a aldeia. O secretário ainda destacou o papel que a aldeia vem desempenhando como cenário de videocliques e outros vídeos. Segundo ele, o pagamento por ceder o espaço é feito via permuta, ou seja, para usarem o espaço, os produtores de conteúdo cedem computadores, projetores e outros equipamentos que atenderão a comunidade.

Após abrir casas tombadas e com paredes originais que datam do século XVI para que fossem tiradas algumas fotografias, na despedida, o secretário insistiu em oferecer uma carona, assim, não precisaria acompanhar a procissão religiosa, que dá fim às celebrações da Festa de Santa Cruzinha.

FOTOS

Figura 5 – Parede original feita com a técnica da taipa de pilão ainda é encontrada em uma das casas no largo da Aldeia de Carapicuíba



Foto Daniela Braga/11.set.2011

Figura 6 – Igreja de São João Batista



Foto Daniela Braga / Ago. 2011